

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

HENRIQUE SOUZA DA SILVA

**A Geografia na educação infantil:** Estudo de caso com crianças imigrantes

**The Geography in kindergarten:** Case study with immigrant children

São Paulo

2022

HENRIQUE SOUZA DA SILVA

**A Geografia na educação infantil:** Estudo de caso com crianças imigrantes

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Paula Cristine Juliasz

São Paulo

2022



SILVA, Henrique Souza. **A Geografia na educação infantil:** Estudo de caso com crianças imigrantes. Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_  
Julgamento \_\_\_\_\_  
Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_  
Julgamento \_\_\_\_\_  
Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_  
Julgamento \_\_\_\_\_  
Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_  
Julgamento \_\_\_\_\_  
Assinatura \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho à minha família, que me motivou de diversas formas, meus amigos que estiveram ao meu lado em muitos momentos, e à comunidade da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, que me proporcionou os melhores anos da minha vida, momentos em que eu pude ser eu de verdade.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus professores, em especial a Professora Dra. Paula Cristine Strina Juliasz, por ter feito uma ótima orientação neste trabalho.

À professora Dione Aparecida Evangelista Maia Fonseca e à comunidade escolar da EMEI João Mendonça Falcão pelo auxílio e confiança de abrirem as portas e me possibilitar realizar este trabalho.

“And can't nobody knock it if they tried  
This is hustle personified  
Look how we've been fighting to stay alive  
So when we win, we will have pride  
Do you know how much we have cried?  
How hard we had to fight?”

**Beyoncé Giselle Knowles-Carter**

## RESUMO

SILVA, Henrique Souza. **A Geografia na educação infantil:** Estudo de caso com crianças imigrantes. Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

No presente Trabalho de Graduação Individual (TGI) busca-se compreender a importância da Geografia no ensino infantil utilizando como estudo de caso a EMEI João Mendonça Falcão, escola localizada no bairro do Brás na cidade de São Paulo, e que tem grande diversidade de crianças vindas de muitos lugares do mundo, imigrantes ou refugiados. Ela advém da perspectiva de que o ensino geográfico deva ser transversalizado a partir de uma comunicação que alcance essas crianças que estão na faixa de 4 à 6 anos de idade, em que seu contexto é a vivência na cidade, local onde a diversidade e concentração de pessoas foi construída historicamente. As atividades proposta às crianças, faz parte dessa comunicação que busca trabalhar essa relação cidade e criança, e também integrá-las entre elas mesmas, considerando que a metade de uma turma da classe tenha alunos de estados brasileiros ou países diferentes, essa aproximação com a geografia, traz não só novos olhares para a cidade, mas também delas se aprofundarem no novo local em que vivem, e se sentirem pertencente deste lugar.

Palavras-chave: criança; imigrante; educação-infantil; Geografia; cidade.



## ABSTRACT

SILVA, Henrique Souza. **The Geography in kindergarten:** Case study with immigrant children. Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

In this Individual Graduation Work we seek to understand the importance of Geography in early childhood education using as a case study the EMEI João Mendonça Falcão, a school located in the Brás neighborhood in the city of São Paulo, which has a great diversity of children coming from many parts of the world, immigrants or refugees. It comes from the perspective that geographic teaching should be transversalized from a communication that reaches these children who are between 4 and 6 years old, in which their context is living in the city, a place where the diversity and concentration of people was built historically. The activities proposed to the children are part of this communication that seeks to work on this relationship between city and child, and also integrate them between them, considering that half of a class has students from different Brazilian states or countries, this approximation with geography, it not only brings new perspectives to the city, but also allows them to delve deeper into the new place where they live, and feel that they belong there.

Keywords: child; immigrant; child-education; Geography, city.

## **SUMÁRIO**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | <b>11</b> |
| <b>1. INFÂNCIA E INTERCULTURALIDADE</b>                                | <b>12</b> |
| <b>2. CRIANÇA, CIDADE E REPRESENTAÇÕES</b>                             | <b>15</b> |
| <b>3. METODOLOGIA</b>  | <b>18</b> |
| <b>4. DISCUSSÃO DE DADOS</b>   | <b>21</b> |
| 4.1 Sobre a Escola Municipal de Educação Infantil João Mendonça Falcão | 21        |
| 4.2 Parte prática, visita à escola.                                    | 23        |
| 4.3 Segunda visita, uma observação mais densa.                         | 25        |
| 4.4 Comunicação com as CRIANÇAS.                                       | 28        |
| 4.5 A atividade com as crianças  | 30        |
| 4.5.1 Trabalho de campo  | 30        |
| 4.5.1.1 Planejamento   | 30        |
| 4.5.1.2 Realização do trabalho de campo com as crianças                | 32        |
| 4.5.1.3 Observação social  | 36        |
| 4.5.2 Representação espacial: o desenho                                | 37        |
| 4.5.3 Atividade da imagem de satélite: Geografia e uma nova visão      | 43        |
| 4.6 Geografia com crianças   | 44        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | <b>46</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>                                      | <b>47</b> |

## INTRODUÇÃO

Em nosso cotidiano estamos sempre nos relacionando com o espaço em que vivemos, essa relação pode ser a interação entre pessoas, como nos locomovemos, onde nossos lares estão localizados, como o habitat altera nossa qualidade de vida e muitas outras formas.

Segundo o professor e doutor em Geografia Eduardo Donizeti Girotto<sup>1</sup>, a Geografia, assim como qualquer outra disciplina antes de ser ensinada sistematicamente entrando num contexto escolar, ela já é aprendida e desenvolvida desde crianças. No caso da Geografia, pode ser na brincadeira de esconde-esconde, ou até mesmo em saber o caminho de casa através de referências no caminho que percepções espaciais vão surgindo, e através do ensino infantil, esse conhecimento pode ser guiado de maneira transversal desde o ensino infantil. Este trabalho se pautará nessa linha de pensamento, buscando mostrar que a Geografia pode ser apresentada para crianças tendo um destaque em seu cotidiano, individualidade e em suas relações sócio-espaciais.

Além disso, este estudo de caso trabalha e pesquisa uma escola que tem como um de seus traços a presença de uma grande diversidade de crianças imigrantes, o que nos faz estar inseridos num contexto ainda mais complexo, onde diversas crianças que vieram de realidades muito diferentes uma das outras, com outras culturas, características e crenças, e que de certa forma têm mais dificuldades para a integração (FONSECA, 2022). Com isso, além do reconhecimento do espaço, há a importância de reduzir estereótipos pejorativos das crianças imigrantes para a construção de uma educação mais democrática. Por conta disso, a escola realiza projetos voltados a isso, o que facilita projetos geográficos imbuídos neste contexto, dando a devida importância para trabalhos integradores.

Iremos analisar muitos comportamentos que as crianças nessa faixa etária (4-6 anos) têm em relação ao espaço escolar, no bairro, e com a cidade num contexto geral. E junto com elas, tentar discutir as muitas outras funções que a Geografia pode exercer em nossas vidas. Pensando nisso, elaboramos atividades como rodas de conversas, trabalho de campo e desenhos, que servissem de comunicação para esse entendimento.

Em momentos de interação direta com as crianças, trato o texto em primeira pessoa no singular, já que se refere a ocasiões em que as relações são voltadas diretamente para mim

---

<sup>1</sup> Fala da aula 10 do Curso para Concurso para Professores da Rede Municipal de São Paulo - A escola pública na contemporaneidade: percursos e desafios. 10 dez. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=4mEY-wi1aZc&list=PLYZ-KJUUpHCw\\_dNX9AmvbkvF84wievA54&index=11](https://www.youtube.com/watch?v=4mEY-wi1aZc&list=PLYZ-KJUUpHCw_dNX9AmvbkvF84wievA54&index=11)

das crianças, e eu com elas. Esses momentos se dão no início da coleta de dados da pesquisa onde as interações com as crianças são mais voltadas para mim, e vou construindo os primeiros pensamentos através desse contato e das observações. Em outras ocasiões, utilizo os pronomes na primeira pessoa no plural, já que entra num contexto geral da pesquisa, e que nela estão incluídas as professoras da escola, a professora e orientadora Paula Juliasz, as crianças e eu, que participam ativamente no decorrer de todo o trabalho.

## **1. INFÂNCIA E INTERCULTURALIDADE**

Segundo projeções recentes do OBMigra (Observatório das Migrações Internacionais, 2022), compilando informações da Polícia Federal, cerca de 1,3 milhão de imigrantes residem no Brasil, além disso, entre janeiro e julho de 2022, o país concedeu refúgio a 1.720 pessoas que buscam maior segurança, a maioria, segundo estudos do Ministério da Justiça e Segurança, são venezuelanos. A insegurança e instabilidades que acomete diversos países no mundo sempre trouxeram pessoas diferentes para o Brasil, é um país palco de diversidade desde a sua colonização causando grande miscigenação. Claro, que por muito tempo, a discussão sobre essa diversificação de povos já foi usada em divergentes discursos ideológicos, desde a eugenia de raças no final do século XIX, que promovia segregação (GIOPPPO, 1996), até a estratégia de criação de identidades e pensamentos nacionalistas, promovendo o orgulho de pertencer ao Brasil como um país belo e diverso.

Todos esses discursos fizeram parte da história da construção do Brasil, e suas influências extravasaram diversos campos, sendo um deles, a educação. Textos e figuras com discursos eugenistas e segregacionistas, passaram a estar presentes nos livros de formação de professores por muitos anos, como por exemplo, livros didáticos que apresentavam os negros e as mulheres menores que os meninos brancos, que se apresentam em segundo plano ou representam papéis inferiores e submissos (GIOPPPO, 1996), como também, partindo do discurso de um Brasil miscigenado, surgem diversos estereótipos que trazem um pensamento preconceituoso, negligente e diminutivo com diversas raças.

Hoje, com o desenvolvimento das ciências humanas, surgem metodologias que sejam de fato inclusivas e trabalhem a diversidade de maneira mais natural possível, são estudos que devem passar pela educação brasileira visando ajudar a criar cidadãos mais justos e democráticos, e esse ensinamento deve vir o quanto antes. Segundo a Lei de Diretrizes e Base

na Seção II do Art. 29. “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”, podemos compreender que as escolas de Educação Infantil tem um papel muito importante, já que o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social são um de seus principais focos, isso se deve muito à estudos como os de Piaget e Vygotsky que fazem do uso da ciência psicológica para entender o comportamento das relações humanas em sociedade, que começa desde a infância sendo influenciada pelo ambiente e cultura em que vive (POZAS, 2012). Na contramão do senso comum que foi construído historicamente um pensamento de que o período da infância fosse uma preparação para vida adulta limitando a participação verdadeira da criança no cotidiano e que seriam “validadas” apenas quando virassem adultas, Dahlberg, Moss e Pence (2003) afirma que “no campo da sociologia da infância, a infância deve ser concebida como estágio importante do curso da vida, marcado pela relação com tempo, espaço e cultura, recortado por diferentes fatores como classe, gênero e condição socioeconômica” (apud SANTOS; BRAGA; e NETO.2021).

Seguindo essa linha de raciocínio, vemos a importância de tratarmos o papel da diversidade social no território brasileiro com seriedade, utilizando métodos e procedimentos adequados, e não a partir de estudos limitados pautados em pensamentos preconceituosos e estereotipados. “Para cumprir sua tarefa humanista, a escola precisa mostrar para os alunos que existem outras culturas além da sua” (GADOTTI, 1992, p. 23 apud SANTOS; BRAGA; e NETO. 2021). Além de apresentar essa diversidade como algo comum, surge um outro movimento que é mais presente em escolas onde se tem alunos imigrantes e refugiados: a inclusão. Claro que, se tratando deste tema, a diversidade não se limita a pessoas com origens diferentes, mas também pela sua cor, gênero e deficiência, entretanto, vamos analisar apenas este assunto.

As crianças imigrantes, migrantes e refugiadas, além de terem o desafio de integração entre as outras crianças, seja pela barreira da língua ou da xenofobia, ainda tem que lidar com a questão do pertencimento daquele lugar. Estes são desafios que podem andar conectados, o que nos permite questionar: como alguém conseguiria se sentir parte daquele lugar, se as pessoas não a integram em seu meio? Isso consegue revelar mais uma vez o papel integrador que a escola tem, diferente do meio familiar, as instituições de ensino conseguem estreitar a barreira do convívio social para o bem daquela criança.

[...] chegamos à afirmação de que a migração não é um processo fácil na vida das crianças e essa mudança pode vir acompanhada de insegurança, medo e sensação de não pertencimento. Imigrar, portanto, não é um simples processo de transferência de país, mas o projeto migratório é uma reinvenção da vida. Os deslocamentos não são operacionalizados apenas nos espaços físicos, mas, sobretudo, num campo de relações sociais, que refundam lugares e geografias através da constituição de novos espaços e inserções de vida (SPIGOLON, 2016, p. 123 apud SANTOS; BRAGA; e NETO. 2021).

Vale ressaltar que imigrantes e refugiados de outros países têm direito de imigrar por lei e não podem ser criminalizados, a Lei Federal 13.445/2017 prevê “direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante.” (BRASIL, 2017). Porém, não basta ter o direito de estar no local, deve se criar políticas que faça manutenção da permanência para essas pessoas, em São Paulo temos a Lei Municipal 16.478/2016, que não só preserva o espaço escolar para crianças e adolescentes, mas também instaura que suas origens sejam respeitadas no contexto escolar. Com essa lei, temos garantia legal de que haja combate à xenofobia, ao racismo, ao preconceito e a quaisquer formas de discriminação; priorização dos direitos e o bem-estar da criança e do adolescente imigrantes, nos termos do Estatuto da Criança e do Adolescente; estabelecer parcerias com órgão e/ou entidades de outras esferas federativas para promover a inclusão dos imigrantes e dar celeridade à emissão de documentos; entre outras. As crianças então podem participar e se tornar parte da comunidade escolar, e ter o direito de aprender e se integrar como qualquer outra criança nascida no Brasil.

A partir dessas reflexões, pudemos enxergar na Geografia a possibilidade de ampliar e desenvolver as noções espaciais e sociais no processo de amadurecimento de qualquer cidadão, principalmente para crianças em alfabetização, que não é apenas um estudo de leitura e escrita. A leitura do mundo, das paisagens, dos instrumentos de comunicação, a construção de noções básicas de localização, organização, representação e compreensão da estrutura do espaço, elaboradas dinamicamente pelas sociedades, também faz parte do processo de alfabetização e precisa ser compreendida e representada (FRAGO, 1993. apud MARTINS, 2015).

Segundo Callai (2005, p. 232) é preciso buscar caminhos para se ensinar Geografia nos anos iniciais, e essa busca deve estar centrada no pressuposto básico de que, para além da leitura da palavra, é fundamental que a criança consiga fazer a leitura do mundo (apud MARTINS, 2015).

A infância, portanto, se dá num amplo espaço de negociação que implica a produção de culturas de criança, do lugar, dos lugares destinados às crianças pelo mundo adulto e suas instituições e das territorialidades de criança, resultando desse embate uma configuração à qual chamamos territorialidades infantis, cujo campo de reflexão é a Geografia da Infância. O intuito não é trazer mais uma divisão no campo temático da ciência geográfica, mas sim demonstrar as contribuições da Geografia para os estudos da infância (como já o fazem algumas áreas de conhecimento, como a Sociologia da Infância, a Antropologia da Infância e outras) (LOPES; VASCONCELLOS. 2005 apud LOPES, 2008, p. 67-68).

Jader Janer Moreira Lopes (2008, p.68) afirma que poderíamos incluir a necessidade de compreender as crianças como agentes produtores do espaço que gestam e dão significados às suas espacialidades, construindo lugares, territórios e paisagens. E que mesmo inseridas no processo da migração devemos “percebê-las como pessoas que não estão deslocadas no espaço e tempo, mas como alguém real, que brinca, se diverte, está na escola ou não, está no campo, nas lavouras, nas fábricas e nas ruas”, pois infelizmente, fora ou dentro da escola, ainda há certa invisibilidade da criança imigrante.

## **2. CRIANÇA, CIDADE E REPRESENTAÇÕES**

“Deve haver, hoje na escola, uma ação educativa coletiva, para que os alunos consigam enfrentar os desafios do cotidiano” (MARTINS, 2015). Essa afirmação nos leva a reconhecer uma linha de pensamento de que a Geografia, atualmente, está mais presente na vida das pessoas, ao contrário de uma concepção escolar pautada no ensino conteudista.

Faz-se presente uma Geografia viva na escola, uma atividade de mostrar às pessoas realidades que fazem parte do seu entorno também, e como elas interferem em suas vidas. Com as crianças não é diferente, é possível ensinar as crianças, mesmo que de uma forma lúdica, a ter um olhar diferente para o local em que elas vivem, principalmente quando falamos de cidade. Já que, estamos falando de uma paisagem que de certa forma apresenta muitos perigos para qualquer pessoa, saber lidar com eles é mais do que uma simples lição sobre a cidade, e sim, aprender a reconhecer a dinâmica da cidade, alguns perigos, as belezas e os processos de produção daquele ambiente vivenciado.

Jader Janer Moreira Lopes (2018) exemplifica essa questão da chamada “Geografia da infância” no contexto da cidade, ele destaca a pesquisa de Bill Bunge (1960) onde confeccionou mapas sobre o alto número de mortes por atropelamentos que envolviam as

crianças e os carros, essa pesquisa o faz correlacionar à discussão que Armand Frémont (1970) interpretado por Claval (2003, p.11) exerce sobre “a consciência da significação espacial que adquire a experiência dos lugares para aqueles que os habitam”. A partir disso, pode-se analisar que a relação contínua do indivíduo com o espaço gera a experiência talvez necessária para encarar a realidade do cotidiano urbano, e que deve-se, se possível, a partir deste ponto de vista, começar o quanto antes. A Geografia da infância surge quando essas questões são adaptadas para o cotidiano das crianças, quando são trabalhados o espaço em que ela vive, e ela cria, de certa forma, consciência sobre ele.

Além de mobilizar uma nova visão, há outra questão interessante de se tratar que é como percebemos a cidade, é muito importante nos questionarmos como cada local cria uma certa influência em si, desde lugares que gostamos muito de ir e nos sentimos bem, até um local que não nos sentimos seguros de estar. A cidade consegue nos proporcionar de forma bem contrastantes esses lugares.

Segundo matéria do G1 (2022), hoje temos inúmeros imigrantes presentes na cidade de São Paulo atraídos pelo grande mercado de trabalho e a rede de apoio que encontram na região, a realidade para muitas crianças imigrantes é a de viver no centro da cidade de São Paulo, e junto com ela, os desafios de se viver na maior cidade da América Latina, surge então a necessidade de valorizar a importância das relações com o contexto histórico e social.

Segundo o professor Jaime Oliva da Universidade de São Paulo<sup>2</sup>, a urbanidade é o conjunto do espaço com a espacialidade (cotidiano) que resulta no habitar. O habitar vai muito além do que apenas morar, é viver todas suas práticas espaciais envolvidas naquele espaço, conceber o espaço no seu cotidiano, e o que foge disso, o que segrega, é considerado anti-urbano. A criança quando muito pequena tem um “habitar” muito restrito aos pais, tanto pela coerência, quanto pela falta de recursos. Um dos papéis da escola é justamente “descentralizar” a criança, ampliando sua espacialidade. O habitar permite avaliar a posição no espaço e as espacialidades praticadas. Também permite examinar como o ator social se insere, como ele vive com a cidade.

Quando falamos de cidade, precisamos analisar não apenas o que há no urbano, mas sim, o urbano por si próprio, pensar o que a cidade é através de toda sua construção histórica

---

<sup>2</sup> Concepção a partir da aula 2, 3, 4 e 5 da disciplina IEB-0264 - A cultura anti-urbana das cidades brasileiras da Universidade de São Paulo. 2022.



e o que ela veio representando até hoje, e não apenas levar em conta o que há dentro da cidade. O humano em seu desenvolvimento projetou historicamente, domesticação de animais, construção e controles de rotas e caminhos de interesse, meios de transportes e mantimento das relações sociais. Consequentemente se eliminou a distância, logo a concentração de pessoas leva a uma troca de relações mais intensa, há heterogeneidade e diversidade, então há a cidade, uma multiplicação das relações sociais.

A multiplicidade das relações feitas na cidade geram segregação, porém a cidade tem a capacidade de transformar esse movimento, já que ao longo do tempo as cidades foram locais de receber o diferente. Infelizmente, as cidades brasileiras, ainda segundo o professor Jaime, aprofundam a segregação e vai contra todo esse segmento inicial e histórico de união das diversidades e formas onde o ser humano desenvolveu para garantir seus contatos, esse fenômeno é chamado pelo professor de Cultura anti-urbana, é onde membros de uma mesma cidade não conseguem realizar as mesmas espacialidades, seja por repressão, segregação econômica, entre outros, são condições impeditivas, desde as características individuais ou por pertencer à um conjunto segregado, a isso damos o nome de retração negativa da cidade. A segregação não é natural às cidades, isso porque, diferente do campo, a segregação na cidade é muito mais perceptível, justamente por ser um movimento contrário das cidades que é a aglomeração de pessoas.

“O que une os grupos sociais não é o interesse pelo diferente, não naturalmente atrativo, mas sim, o reconhecimento. Reconhecer o outro digno de pertencer na mesma sociedade mesmo que haja muitas diferenças e interesses”<sup>3</sup>, isso se chama cidadania.

Quando levamos esse pensamento ao ensino e desenvolvimento das crianças, é preciso estudar, ver o mundo por meio dos olhos das crianças, buscando-se uma aproximação ao seu Eu, à sua cultura, ao seu modo de ver e viver a vida cotidiana, no caso deste estudo em relação à cidade, cidade como cenário social, com a sua família, os seus amigos, os seus espaços de vida, as suas “circunstâncias”, e olhando mais especificamente para crianças imigrantes, esse olhar se renova ainda mais, já que tendo em conta o mundo atual que vivemos, em constante transformação, muito complexo e multifacetado, não se deve considerar, segundo Malho (2004), apenas uma infância, um mundo infantil, mas sim infâncias, mundos sociais e culturas infantis diversos, ao passo de que, mesmo a partir dessa

---

<sup>3</sup> Fala do professor Jaime Oliva na aula 2 da disciplina IEB-0264 - A cultura anti-urbana das cidades brasileiras, USP. 24 março de 2022.

diversidade, todas as crianças, assim como qualquer pessoa, estão estritamente ligadas ao espaço em que vivem, e para as crianças imigrantes que chegam, é importante fazê-las compreender que aquele novo espaço que estão, deve ser vivido, ocupado e fazer parte delas também. E Jader Janer Moreira Lopes (2018) ressalta isso:

As crianças estão nas cidades. Mesmo que invisibilizadas por muitas ações/não ações, elas estão aí, nos metrô, nas ruas, nos carros, nas escolas, nas casas, nos sinais, nos abrigos, nas calçadas, nas praças, nos parques, nas praias, nos jardins. Mas são todas crianças territorializadas espacialmente e que vivem o jugo de seus territórios e enraizamentos (econômicos e muitos outros) no embate das políticas econômicas e sociais... Negar o espaço como dimensão fundante da infância e das crianças é negar uma das facetas da sociedade, olhar o espaço para além de sua dimensão de superfície, palco e apoio para as ações humanas, mas reconhecer sua importância na produção, sistematização e criação da vida e como locus de vida. As crianças estão e são! (LOPES, J. J.M., 2018, p.210).

A partir dessas considerações, delineou-se a pesquisa pautada no estudo sobre o entorno que crianças refugiadas, imigrantes e migrantes são parte do território, exercem espacialidade e devem fazer parte e levadas em consideração nos movimentos que ocorrem na cidade, a inclusão e acessibilidade devem ser fundamentais, e fazem parte do que se chama democracia e equidade.

### **3. METODOLOGIA**

Para desenvolver a pesquisa, pautamo-nos na abordagem da pesquisa participante com análise qualitativa dos dados, tendo a interação direta entre as crianças e o pesquisador utilizando a observação e o diálogo como base para a pesquisa, ou seja, o processo em campo.

A abordagem adequada para o desenvolvimento desta pesquisa corresponde ao método qualitativo. Este apresenta características que possibilitam ao pesquisador ampliar o envolvimento com o ambiente estudado, pois a fonte principal de dados é o ambiente e os sujeitos que nele se encontram, sendo necessário um trabalho descritivo, no qual o investigador se insere e extrai dele os elementos necessários para sua investigação (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

Esses elementos extraídos do ambiente e dos sujeitos são descritivos, sob a forma de palavras e imagens. No início existe uma ânsia de se conseguir ouvir, olhar e descrever tudo o que acontece no momento da observação. São tantas informações que parece não haver palavras no mundo que contemplem as complexidades do cotidiano escolar (CAMARGO, 2008, p. 11).

Esta metodologia compreende que a presença do investigador no local de estudos permite o entendimento das ações dos indivíduos, que se busca estudar, em suas atividades e ambientes habituais, visando certa aproximação entre pesquisador e pesquisados. Desta forma, o enfoque qualitativo pressupõe pouco distanciamento do pesquisador, haja vista que o “o processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra.” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51).

Assim, de acordo com Erickson (1989) o método qualitativo tem como base a participação intensiva e o cuidadoso registro sobre o que sucede no campo, reflexão analítica destes registros, e, registro escrito das observações participativas.

Nessa perspectiva, o pesquisador deve tentar encontrar meios para compreender o significado do manifesto e latente dos comportamentos dos indivíduos, ao mesmo tempo em que procura manter sua visão objetiva do fenômeno. O pesquisador deve exercer o papel subjetivo de participante e o papel objetivo de observador, colocando-se numa posição ímpar para compreender e explicar o comportamento humano. (LÜDKE; MENGA, 1986, p.15)

Com base nesse tipo de metodologia, delineamos os instrumentos e as etapas para o desenvolvimento da pesquisa. Importante ressaltar que essa metodologia foi fundamental e encontrou um campo de parceria com a professora e com as crianças de uma turma de Educação Infantil. Para inserção no campo e no reconhecimento das possibilidades da nossa ação, foram feitas entrevistas não estruturadas com professores, com o objetivo de conhecer mais as crianças do ponto de vista dos professores, desde características sociais deles até como se comportam no seu dia a dia, a entrevista foi orientada a partir das dúvidas que seriam pertinentes para a pesquisa, e também, para que eu tivesse uma interação mais significativa e próxima às crianças e visitação acompanhado da professora Dione, ao local de estudo, com objetivo de conhecer e observar, o que nos permite levantar a importância de conhecer o local vivenciando o território escolar e escutando aqueles sujeitos que estão diariamente no cotidiano daquele espaço. Desta forma, inserimo-nos na escola e participamos de momentos de rodas de conversas com a família e as crianças, com o objetivo de ouvir e conhecer o contexto da escola que apresenta 13 nacionalidades diferentes e um espaço com diversidade para o desenvolvimento integral das crianças. É importante ressaltar, que a turma da professora Dione, e as crianças da escola em geral, é composta não só por alunos imigrantes e refugiados de outros países, mas também, por imigrantes brasileiros de outras regiões e também, crianças paulistanas, por esse motivo, a pesquisa integrará todas essas

nacionalidades, não só crianças imigrantes. A ideia de pertencimento e reconhecimento do espaço em que vive é importante para crianças que chegaram e não podem se sentir acolhidas ali, porém, é fundamental que quem nasceu na cidade, conheça de fato o lugar em que vive.

A partir da escuta, compreendemos a potencialidade que o espaço urbano, mais especificamente o entorno da escola poderia ter no trabalho com as crianças, a fim de conhecer suas representações espaciais e concepções sobre a vivência no bairro. Assim, fizemos a sistematização de trabalho de campo que envolveu visita prévia ao território aos arredores da escola que permitiu a estruturação de roteiro trazendo os principais lugares que visitaremos no percorrer do trabalho de campo.

Após o estudo sobre o entorno e as potencialidades para desenvolver atividades com as crianças, sistematizamos uma atividade de ensino com o objetivo de trabalhar a produção gráfica das crianças para analisar as suas percepções da cidade, o trabalho de campo no entorno e o diálogo sobre as diferentes formas de observar o espaço e o trajeto desenvolvido.

|                        | <b>Atividade 1:<br/>Trabalho de Campo</b>  | <b>Atividade 2:<br/>Desenho</b>   | <b>Atividade 3:<br/>Conversa e projetor</b>  |
|------------------------|--|---|--|
| <b>Objetivo</b>        | Tentar levantar uma visão mais “penetrante” do entorno da escola.                    | Analisar a percepção da cidade a partir do olhar das crianças.  | Apresentar às crianças um novo olhar da cidade utilizando uma ferramenta geográfica que é a imagem de satélite.  |
| <b>Material</b>        | Ferramenta digital MyMaps para levantamento do roteiro de trabalho de campo.         | Folha de papel e lápis de cor.  | Notebook e projetor.   |
| <b>Desenvolvimento</b> | Foi realizado seguramente com acompanhamento de 3 adultos e disposição das crianças. | Cada criança fez seu desenho com a presença da professora Dione, foi escrito uma pequena citação do que as crianças disseram sobre seus desenhos. | Foi mostrado às crianças as imagens, e las demonstraram certo interesse. Depois tivemos uma roda de conversa para entender o que mais a Geografia, como disciplina, fazia. |

Para sistematizar o trabalho realizado na escola, realizou-se gravação de voz, que mais tarde seria selecionado falas pertinentes para a pesquisa, e produção gráfica das crianças, de modo que buscamos obter indícios sobre as noções espaciais por meio de desenhos e de suas falas em roda de conversa.

Desta forma, a metodologia de pesquisa previu a inserção do pesquisador de forma que as visitas foram todas previamente agendadas com a professora responsável pela turma que participaria da pesquisa, foi organizado um cronograma para que todas as etapas do projeto fossem realizadas, desde os diálogos realizados na roda da família até as atividades mais diretas e práticas.

## **4. DISCUSSÃO DE DADOS**

### **4.1 Sobre a Escola Municipal de Educação Infantil João Mendonça Falcão**

O Brás é um bairro predominantemente comercial localizado no centro da cidade de São Paulo, ele abriga uma história que contextualiza a chegada de milhares de imigrantes no início do século XX até hoje, pela sua localidade e questões sócio-econômicas. O Museu da Imigração, museu este que expõe boa parte dessa história da importância do bairro em receber imigrantes, já foi uma hospedaria de imigrantes, a integração da hospedaria com a estação ferroviária facilitou a chegada dessas novas pessoas no território paulistano.

A Escola Municipal de Educação Infantil João Mendonça Falcão fica localizada neste bairro, é uma pequena floresta no meio de uma selva enorme de pedra e asfalto. Espaçosa, arborizada e com muitas dinâmicas espalhadas por toda a escola com brinquedos e espaços interativos de aprendizado. De fato, é um verdadeiro contraste para um lugar no meio de um dos bairros centrais e antigos da cidade. E por conta deste contexto histórico e cultural a escola possui, em sua maioria crianças imigrantes, descendentes de imigrantes ou refugiados, por conta disso a direção e os docentes, através de muitos projetos, buscaram encontrar meios de integrar esses alunos não só à escola, mas também à comunidade.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2022) da escola há mais de 13 etnias diferentes, mas já chegou a ter 17, e a barreira da língua para uma integração entre escola e família é um grande desafio, 15,4% das famílias que a escola recebe vem da Bolívia, 75% são

brasileiras e 9,6% vem de outros países. Os sujeitos da pesquisa, da turma da professora Dione, tem idade entre 4 a 6 anos, misturado entre crianças do sexo masculino e feminino, e se dividem entre crianças vindas do nordeste, Nigéria, Paraguai, Bolívia entre outros.

Figura 1 - Imagem de satélite da área da EMEI João Mendonça Falcão.



Fonte: (Imagens. Google. 2022)

As crianças têm acesso a todos os espaços, podendo interagir e exercitar a imaginação colhendo o máximo de informações e experiências possíveis. E com essa ideia de que não há aula propriamente dita, os professores são livres para buscar novos métodos de ensino que não seja dentro da sala de aula. Nesse sentido, a escola de Educação Infantil mostra as possibilidades de desenvolvimento humano de modo integral, tratando da identidade, do conhecimento sistematizado e vivenciado em diferentes espaços da escola. E isso tudo

“possibilita explorar e estimular o desenvolvimento das habilidades e autonomia, do protagonismo da criança, o movimento, a importância do brincar, do criar, do aprender a ser, a conviver e todas suas potencialidades.” (PPP, 2022).

Um dos projetos que esteve em andamento no ano de 2022 é o projeto desenvolvido pela professora efetiva da rede municipal de ensino de São Paulo, Dione Aparecida Evangelista Maia Fonseca, que conta com diversas atividades semanais voltadas para a questão de integração e diversidade, o projeto se chama “*Cultura dos mundos: A história de muitas vozes*”.

É um projeto que este ano (2022) ficou pautado nas discussões do território próximo da escola, levar as crianças para conhecer o bairro em que a escola está inserida, e a uma maior integração com a família, abrangendo temas culturais e de diversidade. Este projeto também “vem construindo trocas de experiências embasadas nos saberes individuais, que podem e devem ser compartilhados através de minicursos e conversas, onde a individualidade pode se tornar coletiva.” (PPP, 2022). Tentando fazer da escola um espaço de reparação, ético, diverso, plural e lúdico (FONSECA, 2022).

#### 4.2 Parte prática, visita à escola.

Na primeira visita à escola, que aconteceu no dia 10 de maio de 2022, o objetivo foi conversar com a docente responsável pelo projeto da integração e diversidade das crianças imigrantes, além disso, acompanhado da professora, percorremos por toda a escola, , conhecendo os lugares que as crianças gostam de brincar, onde elas se alimentam nos intervalos, onde fazem atividades pedagógicas e onde podem se expressar. Esse primeiro contato é importante para que eu começasse a me familiarizar com a energia que as crianças transmitem aos espaços, com suas falas, brincadeiras, gestos e as diferentes linguagens expressivas marcadas nos diferentes espaços e paredes. Uma escola de Educação Infantil que não tenha “barulho”, crianças correndo, falando, gritando, dançando e cantando, se imagina que tem algo muito estranho nesse lugar. Onde estariam as linguagens expressivas das crianças? Nessas escolas, vemos, ouvimos e sentimos a todo tempo.

A escola é revestida de verde, muita vegetação e flores, os espaços com paredes mais coloridas que possível, e o mais interessante, que pode diferenciar de muitas outras EMEIs espalhadas pela cidade de São Paulo, são os “símbolos” de diversos países que representam a



presença das nacionalidades das crianças matriculadas naquela escola. Você encontra bandeiras desses países, e frases de boas-vindas em muitos idiomas diferentes, como mostra a Figura 2, e a escola acaba se tornando ainda mais acolhedora e democrática.

Figura 2 - Bandeiras e frases decorativas na escola.



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

Outro elemento que chama a atenção na primeira visita ao chegar na escola, é a presença da estação de metrô que fica acima do parque da escola (Figura 3), mas discutiremos melhor em outro item ao tratarmos das atividades com as crianças.



Figura 3 - Estação de metrô vista da escola.



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

Essa primeira visita permitiu-nos pensar que um trabalho de campo seria interessante justamente pela localização da escola, pois se trata de uma escola rodeada de árvores num bairro que é tomado de prédios, casas e comércios, além disso, tem o contexto social-histórico dos imigrantes que o bairro carrega. A princípio se pensou em levá-las ao Museu da Imigração, que fica próximo da escola, porém, por fatores como acessibilidade e conteúdos avançados para as crianças, nos concentramos no entorno da escola, que já havia material suficiente para as crianças observarem.

### 4.3 Segunda visita, uma observação mais densa.

A segunda visita à escola aconteceu no dia 11 de outubro de 2022, tinha como objetivo observar a rotina comum escolar das crianças, a relação delas com as professoras, e também, conhecê-las um pouco mais.

No dia em questão, era uma data especial, pois se tratava de um dia anterior de uma data comemorativa, o *Dia das Crianças*, por isso as crianças teriam uma atividade diferente, que seria fazer *slime*<sup>4</sup>, uma espécie de massinha que é bem popular entre as crianças. Porém, antes da brincadeira, sentamo-nos em roda na sala, e tivemos uma primeira conversa, para que assim elas pudessem me conhecer e entender a razão de eu estar ali, surge então, uma das partes mais desafiadoras deste trabalho: Como me comunicar o mais claro possível e manter a concentração de quase 30 crianças na faixa de 5 anos, para que elas consigam entender quem sou eu e o qual era meu objetivo? Além disso, estamos nos referindo a uma sala que contém crianças de muitas partes do mundo, algumas ainda nem falam ou entendem completamente o português, o que torna a comunicação ainda mais difícil, mas não impossível.

As crianças sempre muito animadas e interessadas em conhecer a pessoa diferente que apareceu em seu ambiente tão familiar, as perguntas que me faziam tinham um contexto diferente do que eu tinha acabado de falar, e possuíam um tom mais curioso e infantil: “Qual sua cor favorita?”; “Você gosta de desenhar?”; “Qual sua brincadeira favorita?”, eram as perguntas que me faziam e que demonstravam que aqueles sujeitos eram diferentes com os quais estava mais habituados, e que seria um desafio e ao mesmo tempo rico de aprendizado.

Além da brincadeira dos slimes, as crianças iriam ter pelo menos uma atividade que já fazia parte de seu cotidiano, que é a *Roda da Família* pertencente do projeto “Culturas do mundo, a história de muitas vozes”. A atividade se constata com um parente como pai ou mãe convidados para se apresentar às crianças e contar histórias do passado quando era criança e como era o lugar que ela veio, além disso, o pai traz uma música de quando era mais novo e dá conselhos às crianças, e em seguida, elas poderiam fazer perguntas ao convidado para tirar dúvidas, mas novamente, as perguntas vão se estreitar aos interesses comuns delas, e também, buscando uma identidade do entrevistado, então elas buscam saber a cor favorita, o que gosta de comer e o que ele gosta de brincar.

---

<sup>4</sup> Slime é um termo que vem no inglês, e significa algo pegajoso. Se trata de um brinquedo que permite as crianças apertá-lo e se divertir, como se estivessem brincando com uma massinha de modelar mais molenga.

No dia em questão, o pai convidado foi o pai da Mariana, de origem simples, ele veio do interior da Bahia, e segundo ele, tentou uma vida melhor em São Paulo, hoje sua profissão é músico, e por isso, nos presenteou com uma música cantada e tocada com seu violão. Na Figura 4 vemos as crianças ao redor do pai de Mariana.

Figura 4 - Crianças ao redor do pai de Mariana, menina de calça rosa abraçada pelo pai.



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

Outra visita interessante que já houve na roda da família, foi a visita da Emilene, mãe da Mariam, que nasceu em Cochabamba, uma cidade no centro da Bolívia. Ela conta que é um lugar cheio de colinas e montanhas. Mariam Isabella é a filha caçula e têm mais 3 meninos. Sua profissão é costureira, onde ela e o marido ganham o sustento. Quando chegou ao Brasil, veio com a ideia de trabalhar para ter uma vida melhor, mas não sabia muito bem o que queria fazer da vida. Foi bem difícil se estabelecer aqui, tudo bem diferente do que estava acostumada, mas agora ama o Brasil com todo seu coração.

Quando criança amava desenhar o sapo da montanha, árvores e brincar de queimada. Na escola adorava as horas cívicas, como o dia das mães, cada turma preparava uma comida para receber as convidadas e todos compartilhavam os alimentos, dançavam, brincavam, era um dia feliz. Para cada hora cívica tinha um hino, até para o aniversário das professoras. o

hino que mais amava e ama até hoje é o da Bolívia. Tinha vários sonhos, como ser advogada, médica e professora.

Sua comida preferida é sopa de amendoim, mas gosta muito de comer "lawá", uma caldo de farinha de trigo tostada, verduras, batata e costela. É apaixonada por gatos, têm vários em sua casa. Gosta de ouvir as músicas dos cantores Kjkarkas e José Felipe. Sente saudade de subir a montanha e deitar na grama, era um momento maravilhoso, segundo ela. Cantou para a sala a música "Arroz con leche", a mesma que cantava quando criança e se emocionou. Deu um conselho às crianças "Estudar é tudo na vida de uma pessoa, estudem, por favor!".

Além deste momento tão rico e emocionante, existem uma espécie de tradição pré e pós o convidado contar sua história. Antes de adentrar a sala, a professora ajusta uma cadeira que fará parte do círculo que as crianças farão sentadas no chão, esta cadeira representa um trono, pois serão recebidos nele “reis e rainhas”, que são os pais das crianças. Sobre a cadeira é colocado um manto sagrado sem sentido religioso, e espirra um pouco de perfume sobre ele, uma ideia das crianças para perfumar a sala para que a visita se sinta bem. E ao final da história, as crianças fazem fila e abraçam um de cada vez o convidado.

Depois deste momento que é a atividade “roda da família”, as crianças foram para o intervalo almoçar e depois teriam sua parte do dia para brincar.

#### 4.4 Comunicação com as CRIANÇAS.

Desde o primeiro contato que tive com a professora Dione, muitas palavras com significados importantes foram muitas vezes enfatizadas, são palavras que fazem diferença quando tratamos de crianças de 4 a 6 anos, uma delas é a própria palavra “crianças”. Quando estamos em um contexto de escola, temos no senso comum em considerar todas aquelas pessoas que estão no papel de aprender como alunos, porém essa palavra traz consigo um significado e uma carga diferente que não deveria ser aplicada naquele momento. Aqueles “alunos”, antes de tudo, são crianças, estão começando seu processo de aprendizagem, mas através de um método bem diferente do que temos a partir do Ensino Fundamental, e seria o brincar. Outra palavra extremamente importante quando falamos de criança, é a brincadeira, é algo que está intrinsecamente ligada a elas, é algo natural e social, pois estará associada aos seus processos de criação e integração, e é com esta, e entre outras atividades como a arte,

que elas aprendem e se desenvolvem. E quando falamos de arte, estamos nos referindo à música e ao desenho.

A música é algo que está sempre presente, ela muitas vezes aparece como algo funcional, ligada à alguma ação que as crianças precisam realizar, por exemplo: Quando elas precisam sentar à roda no chão, toca a música Mama Wéle, e quando precisam guardar os brinquedos toca a música Barato Total do Gilberto Gil, são músicas rotativas que são alteradas com o tempo. Além disso, a professora toca um pequeno tambor, que significa o horário da alimentação das crianças. O convidado da roda da família também traz uma música do seu local de origem, o que de certa forma, ajuda a ligar na consciência das crianças essa conexão com uma cultura diferente. A música tem esse papel fundamental no desenvolvimento da criatividade, das emoções e da memória, é importante para o desenvolvimento da inteligência e a interação social da criança e a harmonia pessoal, facilitando a integração e a inclusão (GODOI, Luís. 2011).

Já o desenho, está muito presente, é uma das atividades preferidas das crianças, por sinal, ela será uma das metodologias que usaremos como uma forma de expressão do pensamento das crianças sobre o trajeto vivenciado, uma forma de comunicar suas ideias e compartilhar com os colegas suas perspectivas e conhecer as dos colegas. pois se trata de uma linguagem gráfica importante no desenvolvimento da criança, bem como um meio de representação expressiva, criadora e imaginária (HANAUER, 2013).

Percebi que a maioria dos desenhos realizados pelas crianças, seja na lousa ou na folha, eram suas famílias, o que pode caracterizar a importância dos familiares e de sua presença em suas vidas.

Além disso, há os movimentos que as crianças fazem com o próprio espaço, seria o meio de comunicação que elas têm com o local, um exemplo é o uso da escada que fazem de maneira segura segurando no corrimão em fila (Figura 5), as árvores que elas gostam de subir, os brinquedos disponíveis no playground, entre outros.

Figura 5 - Crianças fazendo fila para descer a escada.



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

E um desses outros movimentos, é a comunicação da professora com as próprias crianças, é uma comunicação que precisa ser clara e simples, e que em alguns momentos, precisa ser incisivo, também há, movimentos, falas e sinais, que funcionam como código que servem geralmente para chamar a atenção ou agrupá-las, e que funciona muito bem. São técnicas de comunicação desenvolvidas para facilitar a interação que eles terão que desenvolver naquele momento.

## 4.5 A atividade com as crianças

### 4.5.1 *Trabalho de campo*

O trabalho de campo foi um dos métodos utilizados para alcançar o objetivo desta pesquisa, com ele, buscamos realizar um papel importante para o entendimento de uma parte da Geografia, a ideia de pertencimento e conhecimento do local em que se vive, e neste caso, o bairro Brás da cidade de São Paulo. Também devemos reconhecer que o trabalho de campo em si é uma ferramenta fundamental para a disciplina e ciência geográfica.

Importante ressaltar que, embora tratando-se do o bairro em que elas vivem, há de se atentar ao fato de que muitas vezes as crianças passam por esses espaços sem dar devida atenção ao seu redor. Além disso, as crianças que estariam presentes, seriam crianças que são, em sua maioria, descendentes de migrantes ou refugiados, e por isso, muitas vezes, a ideia de pertencer aquele local não é algo que elas têm conscientemente, é preciso trazer à criança, a ideia de que ela pode ser parte daquele lugar, mas antes disso, ela precisa conhecer. No dia do trabalho de campo, que aconteceu no dia 04 de novembro de 2022, haviam acabado de chegar duas novas crianças na sala de aula, Amarachi que falava português e veio da Nigéria, e Antonia Mariluz, que só falava apenas espanhol, e tinha vindo do Paraguai ainda naquela semana.

#### 4.5.1.1 Planejamento

O planejamento do trabalho de campo se deu a partir de muitas reuniões com a professora orientadora Paula Juliasz, utilizamos ferramentas geográficas como o Google Earth, para analisar de maneira mais abrangente, os locais que potencializasse o estudo da cidade e do reconhecimento do lugar e sua identidade. A escola, como dito antes, se encontra num contexto histórico do bairro do Brás, ela é cercada de inúmeros comércios, avenidas movimentadas, prédios residenciais, entre outros pontos que chamam a atenção pelo seu contraste.

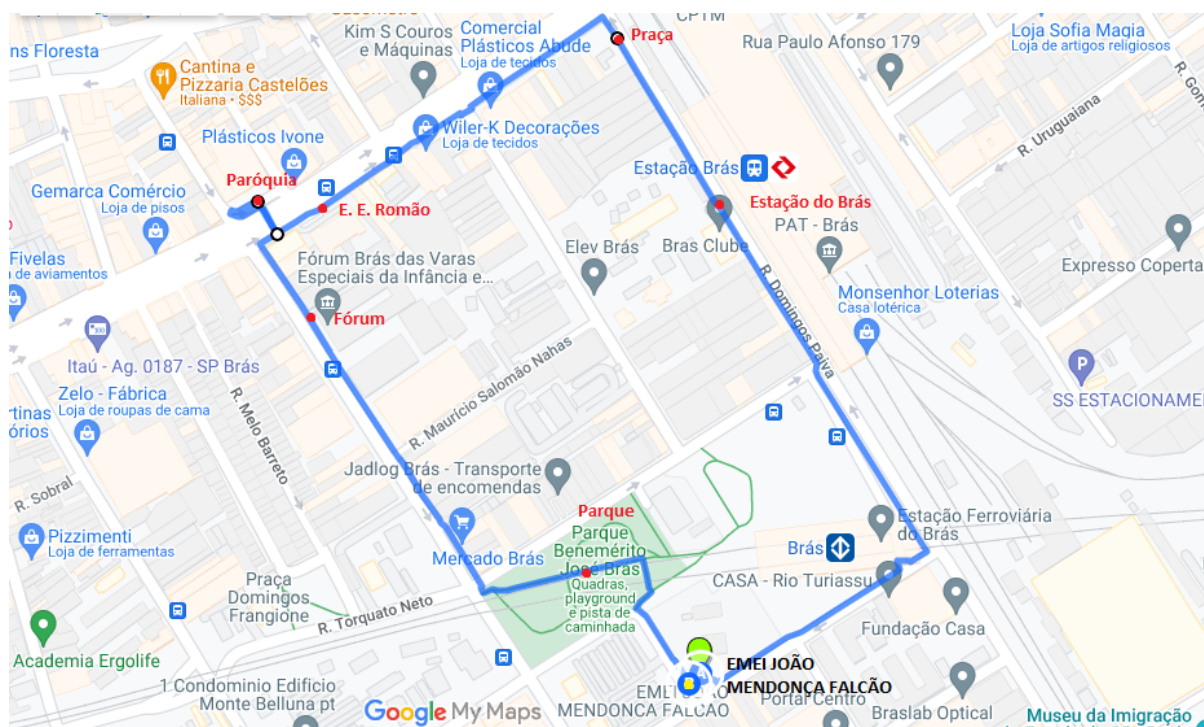
Entretanto, essa observação generalizada não era suficiente para constatar os pontos realmente relevantes ao estudo, para que as crianças pudessem conhecer melhor o bairro em que elas vivem. Por isso, foi programada uma visita, para conseguir captar o espaço com serendipidade, encontrar algo significativo que não estava procurando diretamente, e que só é possível através do sujeito agindo como pedestre.



No dia 29 de outubro de 2022, realizei uma visita nas ruas do bairro do Brás, de início pensei que ter o terminal de ônibus e a estação de metrô seria um bom ponto de partida, sendo um marco tão importante do contexto da vida escolar dessas crianças, finalizado a caminhada, realizei um roteiro de campo, que pode ser visto na representação da Figura 6, e que consistia em: Terminal de ônibus; frente da estação ferroviária da CPTM; praça em frente ao Viaduto Maestro Alberto Marino; Escola Estadual Romão Puiggari (que não entramos); Paróquia Bom Jesus do Brás; Fórum Brás das Varas Especiais da Infância; Parque Benemérito José Brás; e por final, a volta à escola. Era previsto que o trajeto completo durasse em torno de 1 hora. O caminho entre cada parada era preenchida por fábricas, lojas de pequeno e médio porte, principalmente de plástico e tecido, galerias, residências, vielas e avenidas, são traços característicos do bairro que se consegue analisar muito das questões econômicas envolvidas ali, e que podem ainda, de certa forma, serem muito complexa para as crianças avaliar.

Figura 6 - Representação do roteiro do trabalho de campo





Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

Todo o trajeto pensamos em condições favoráveis possíveis para se andar com as crianças, como um trajeto não tão longo, com calçadas largas, faixas de pedestres disponíveis, e nesses lugares, que de certa forma, são importantes para a constituição da cidade.

#### 4.5.1.2 Realização do trabalho de campo com as crianças

O dia do trabalho de campo em questão estava ensolarado, o que contribuiu para a tarefa, realizada na manhã do dia 04 de novembro de 2022, tivemos previamente uma roda de conversa com os alunos para que eles pudessem se inteirar do que se tratava o trabalho de campo. Esperava-se que no decorrer do trajeto, as crianças percebessem as manifestações ao seu redor, seja pelas edificações, pessoas e até mesmo os sons da cidade, e que elas se atentassem e gravassem na memória algo que lhe chamou mais atenção, para assim, na volta do trabalho à escola, elas fizessem um desenho daquilo que ficou em sua mente.

Acompanhados de mais uma professora, nos distribuímos para que nenhuma criança passasse despercebida, afinal, eram 3 adultos lidando com 27 crianças no centro da cidade de São Paulo, também montamos uma estratégia de que nenhuma criança ficasse solta e sozinha, e criamos pequenos grupos e duplas que ficariam de mãos dadas o trajeto inteiro, assim,

teríamos de certa forma maior domínio da situação, e evitar ao máximo riscos de acidentes (Figura 7).

Figura 7 - Crianças de mãos dadas para início do trabalho de campo



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

As crianças estavam bastante animadas e bastante familiarizadas com o ambiente, fazendo questão de comentar com seus colegas que sempre passava por aquele pedaço específico ou que morava na rua ao lado.

Ao chegar no ponto da Paróquia, as crianças teriam que atravessar a Avenida Rangel Pestana, avenida extremamente movimentada que liga o centro de São Paulo à Avenida Celso Garcia, importante avenida do início da Zona Leste. Logo de cara, a professora Beth ponderou que se tratava de um local “muito complicado”, porém, a professora Dione viu como um desafio corriqueiro de quem vive na cidade, e que seria mais uma lição às crianças de convivência à urbanidade, e que elas precisavam experimentar aquilo, pois faz parte de onde elas vivem. Seguindo as leis e normas de trânsito, e com muita cautela, conseguimos atravessar a avenida sem grandes riscos e visitamos a paróquia.

Era nítido o contraste sonoro dos lugares, enquanto na rua havia diversos “ruídos”, seja os barulhos dos carros, as pessoas falando e trabalhando, dentro da Paróquia havia um grande silêncio. As crianças ficaram admiradas pela construção e os detalhes, por se tratar de um edifício histórico, isso pode ser notado através da Figura 8, havia diversos elementos artísticos que chamavam a atenção, e que talvez, mesmo morando na região, elas nunca teriam a chance de se aventurar a adentrar uma paróquia que tem um grande valor histórico para o bairro.



Figura 8 - Crianças observando os elementos da paróquia.



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

O restante do trajeto se deu de maneira muito tranquila, e as crianças puderam observar muitos outros aspectos até chegarmos ao parque Benemérito José Brás que fica ao lado da escola, onde elas puderam extravasar sua energia, mesmo depois de toda a caminhada, como podemos observar na Figura 9.

Figura 9 - Crianças descontraindo no parque ao final do trabalho de campo.



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

#### 4.5.1.3 Observação social

No decorrer do trabalho de campo, pude observar 3 situações envolvendo pessoas no entorno da escola, a primeira, era a presença de muitos moradores em situação de rua, com cobertores e colchões espalhados pelo chão da calçada, e que não chamavam a atenção de maneira nenhuma das crianças, era como se passassem despercebidos por elas, como se já estivessem acostumadas a ver pessoas naquela situação. O segundo tipo de pessoa, eram os trabalhadores, principalmente aqueles carregando cargas pesadas, por estarmos numa região onde havia grande comércio de plásticos e tecidos, muitos descarregadores precisavam passar por nós, mas que também, as crianças pareciam não os notar tanto sua presença, precisávamos ficar alertando-as para que elas não se machucassem ao colidir com esses trabalhadores e suas cargas. E o terceiro tipo de pessoa, que caminhavam em grande número por todo o trajeto, eram pessoas caminhando sem demonstrar exatamente uma atividade de trabalho, mas sim de lazer, passeando com seus cachorros, em sua maioria, de raça. Claro que se não estivessem portando seus animais domésticos, provavelmente essas pessoas também passariam despercebidas. Porém, o grande número de pessoas com seus pets caminhando

pelas ruas comerciais/industriais do Brás era no mínimo curioso e exigia uma explicação, e ao ver aquele pequeno pedaço da região ao redor da escola, através de um outro ponto de vista, talvez respondesse o porquê daquela manifestação.

#### *4.5.2 Representação espacial: o desenho*

Para dar seguimento às atividades, chegamos na etapa do desenho, o objetivo era que as crianças pudessem, por meio dos lápis de cor e folha de papel, representarem pontos da paisagem que mais chamaram sua atenção no percorrer do trajeto. Assim, elas teriam mais foco e exerceriam, de modo lúdico, a sua memória, e, de certa forma, pudessem analisar um local ou uma situação interessante, que no seu cotidiano, não chamaria sua atenção, e que graças ao trabalho de campo, puderam perceber e conhecer. Segundo a linha de raciocínio de Hanauer (2013), o desenho “envolve aspectos cognitivos e emotivos, na medida em que os traços dão forma ao pensamento que leva ao conhecimento e evoluem conforme a criança se desenvolve”. Além disso, foram trabalhados dois eixos que a autora aponta, e que para um ensino infantil onde a maioria de seus alunos são de diferentes nacionalidades, se tornaram ainda mais especiais.

Um desses eixos é o desenho como linguagem

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, como um espaço para o viver da infância, promotora da apropriação das diferentes linguagens e manifestações expressivas, dentre estas, o desenho, riscos e rabiscos dotados de significados. Ao desenhar, a criança brinca e verbaliza seus pensamentos e sentimentos, deixando marcas no papel... O desenho pode ser classificado como um fenômeno cultural, fonte de linguagem, pois está presente em todos os povos (HANAUER, 2013, p.75).

Por se tratar de uma atividade antiga de linguagem, o desenhar se torna algo que ultrapasse fronteiras, é uma linguagem universal. Crianças de diversos lugares do mundo podem se comunicar e expressar seus sentimentos através deles, uma comunicação colorida e facilitadora. Ademais, temos também, o desenho como produção criadora, que “envolve uma gama de sentimentos e pensamentos, reunindo elementos da experiência para formar novos saberes” (HANAUER, 2013).

Por conta do tempo, as crianças fizeram os desenhos na mesma semana do trabalho de campo, era importante que elas fizessem os desenhos o quanto antes, já que mantinham na mente todo o percurso fresco na mente, e no dia 22 de novembro, que seria feito a última



atividade, as crianças se sentaram no chão e foi apresentado cada desenho para elas, e pedido para que elas explicassem o que estava desenhado ali (Figura 10).

Figura 10 - Crianças explicando seus desenhos para a turma



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

A Figura 11 mostra o quanto as crianças ficaram bem animadas para verem seus desenhos expostos para a turma. A professora Dione usou do recurso de registro da fala das crianças ao relatarem o que haviam desenhado por meio de uma legenda, isso ajuda o processo de memória (função cognitiva em desenvolvimento) das crianças e o reconhecimento da escrita como registro.



Figura 11 - Crianças interessadas nos desenhos que fizeram.



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

Os desenhos foram os mais diversos, conseguiram mostrar grande originalidade de que crianças e alguns elementos interessantes e criativos, visto das perspectivas das crianças. As próximas Figuras 12, 13, 14 e 15, vão mostrar isso. Muitos locais foram desenhados, como o prédio grande e luxuoso, a estação de trem do Brás, a Escola Estadual Romão Puiggari, mas o principal e mais representado foi a igreja.

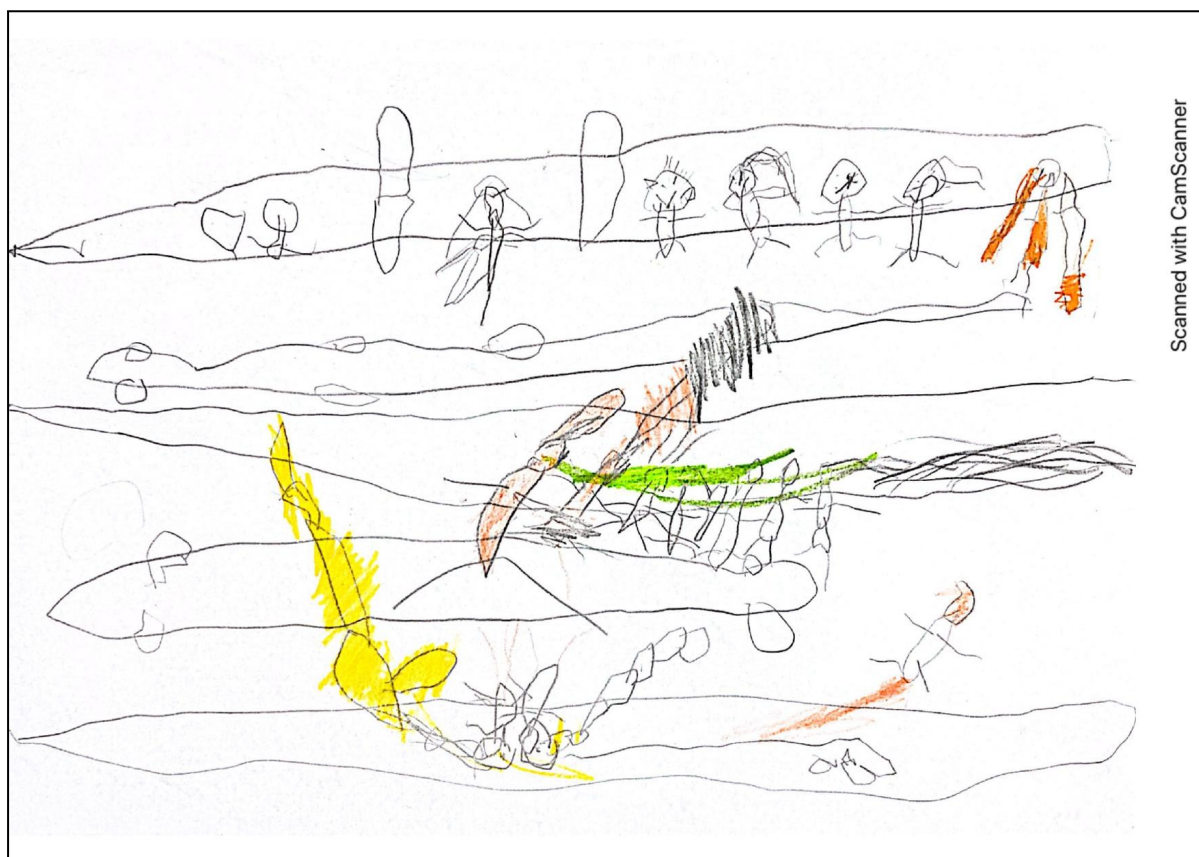
Figura 12 - “Desenhei a igreja” (Liz. 2022).



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

Um desenho interessante, que apareceu mais de uma vez, foi um elemento muito presente, e compunha toda a rede de locomoção do bairro, as ruas do Brás.

Figura 13 - “Desenhei todas as ruas do Brás” (João Lucas. 2022).



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

Outro elemento interessante, é a presença de vegetação, de todos os desenhos, apenas dois apresentavam árvores e ambos eram retratando o parque Benemérito José Brás, que fica ao lado da escola. Logo este tema seria usado para a discussão em roda, sobre o que é a Geografia e para que ela serve.



Figura 14 - “Eu desenhei o passeio e o parque”. (Sofia Doraluz. 2022)



Scanned with CamScanner

Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

Para além da questão material, também tivemos desenhos que simbolizassem o passeio em si, e as pessoas que estiveram envolvidas neles. Desde as professoras, elas mesmas de mãos dadas, a travessia da avenida para chegar à igreja, funcionários trabalhando na rua e eles mesmos observando os lugares.

Figura 15 - Matheus se desenhando atravessando as ruas para chegar à igreja.



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

Analisando todos os desenhos, tivemos basicamente 8 tipos de desenhos, onde segundo as descrições feitas por eles se misturava entre algo concreto que elas viram e a ação que estavam fazendo. Então em certos momentos quando era apresentado o prédio, vinha um complemento como “nós observando o prédio” ou “nós caminhando na rua”. Alguns eram apenas a ação do trabalho. Tivemos 4 desenhos que retratavam as ruas do bairro, 2 desenhos que representavam a igreja, 3 que representavam o parque, 3 mostravam a Escola Estadual Romão Puiggari, apenas 1 mostrava a estação de trem, 4 eram representados as lojas de tecido, 6 eram representados o prédio luxuoso próximo à escola e 5 eram desenhos que representam apenas as ações, como “desenhei a caminhada”.

Dessa análise, percebemos que dos 27 desenhos, 13 eram representados não só os lugares em si, mas elas mesmas se representavam, demonstrando a importância da presença dela estar naquele lugar, que ela teve influência e agiu naquele espaço, que houve participação.

#### *4.5.3 Atividade da imagem de satélite: Geografia e uma nova visão*

A última atividade corresponde a um momento de diálogo sobre o trajeto feito em campo utilizando a imagem de satélite projetada. Para isso as crianças sentaram em frente ao projetor que estava conectado ao notebook, os equipamentos pertencentes à escola. E então, a partir do Google Maps, as crianças puderam observar a escola delas vista de cima, com o objetivo de ser um contato com imagens de satélite de forma sistematizada e ter uma visão diferente do espaço que elas estão tão acostumadas.

Com apoio das tecnologias envolvidas, elas puderam refazer o trajeto que tinham realizado caminhando nas ruas, durante a atividade o diálogo foi fluido com a participação de todos e com a intervenção por meio de perguntas, com o objetivo de saber o que elas achavam que estavam vendo, algumas estavam tendo suas primeiras experiências com aquelas ferramentas e mostravam interesse e curiosidade (Figura 16).

Figura 16 - Apresentação com projeto das imagens de satélite do entorno da escola.



Fonte: (SILVA, Henrique. 2022)

Foi bem importante elas terem esse contato com outros elementos geográfico, pois ampliaria um pouco mais o debate sobre o que mais a Geografia faz, pergunto à elas se elas sabem como as imagens foram tiradas, se elas sabiam o que era um satélite, se elas sabiam

como a Terra era vista de fora, utilizando uma comunicação visual, fácil e simples de entender. Colocar esses elementos também no seu cotidiano para efeitos práticos, como mencionar o GPS que os adultos utilizam para dirigir. A atividade teve bastante participação delas, também utilizamos o recurso “Street View” para que elas pudessem rever o local na visão do pedestre, assim elas poderiam lembrar com mais facilidade, e analisarem as diferentes perspectivas, nas palavras das crianças, elas queriam ver “mais de perto”, quando se tratava da ferramenta Street View do Google.

#### 4.6 Geografia com crianças

Depois de realizada a atividade do projetor, sentamos em roda, e com apoio da professora Dione e professora Paula, conversamos um pouco sobre o que era a Geografia e o que ela fazia. O desafio era que as crianças mantivessem a atenção e entendessem o que estava sendo dito.

A professora Paula então fala de uma maneira que as crianças entendam que a Geografia é poder falar sobre diferentes aspectos geográficos como segurança, moradia, onde se trabalha, distâncias. Também, dá ênfase ao espaço urbano e seus elementos que o compõem, como os carros, metrô, e uma forma de entender melhor esse espaço, é tendo conversas e discussões como as próprias crianças percebem o espaço. A professora Dione então faz uma pergunta: “O que podemos fazer para melhorar nosso bairro?”, então entramos na discussão sobre áreas arborizadas espalhadas pelo bairro, de como há uma certa escassez de árvores nas ruas, e como a qualidade de vida pode melhorar com ajustes voltados para o meio ambiente na cidade. Assuntos que perpassam pelas discussões da Geografia como disciplina.

Nesta conversa houve uma interessante análise de que quando a conversa entra num âmbito um pouco mais teórico, elas não dão tanta atenção, para que isso não ocorra é preciso encontrar linguagens e materiais que correspondam às suas formas de comunicação. Notamos isso, quando o foco foi o desenho e pudemos dialogar sobre o entorno da escola e o bairro. Desta forma, o diálogo pode ter explicações com exemplos práticos e perguntas sobre seu cotidiano, mantendo a atenção para que elas possam refletir e mobilizar a memória.

Ao promover essas situações e atividades de ensino com a participação de envolvimento das crianças no espaço urbano, estamos falando em mais do que andar na cidade, e sim, viver a cidade. Trata-se da vivência, relação entre sujeitos e o ambiente.

Perceber os sons, as paisagens, as pessoas, o movimento que a cidade faz. É reconhecer os sistemas que facilitam a espacialidade e favorecem uma maior qualidade de vida, também, os pontos “negativos”, lados negligenciados pelo Governo e de políticas públicas referente ao espaço urbano, a dificuldade de acessos e a ineficácia da segurança. É tratar esses pontos da Geografia de maneira mais transversal, falar de território, espaço e local na vivência delas, brincando, desenhando e cantando.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À guisa de considerações ao findar deste trabalho, podemos analisar por meio dessas atividades, observações e conversas as possíveis formas para integrar a Geografia em atividades e ensino com crianças na Educação Infantil, entender que não significa empreender um esforço para implementar uma disciplina escolar, mas sim sistematizar um conhecimento que é vivenciado. nesses anos iniciais, e sim, utilizar de contextos já familiarizados nas infâncias para desenvolver novos olhares para o espaço e realidade em que vivem. Além disso, para crianças que chegavam de um outro lugar, outro país com características muito específicas e culturas diferentes também pudemos conhecer mais a fundo as situações de desenvolvimento infantil por meio das nossas conversas com a professora Dione. Segundo ela, as crianças vinham com uma bagagem de muita luta e dor, era preciso fazê-las se sentir bem, e ainda mais, fazê-las se sentir parte daquele lugar. Assim, a escola de Educação Infantil torna-se um espaço seguro para trocas entre pares (crianças e crianças) e também de diálogo entre crianças e adultos, há um espaço em construção e consolidação de expressão e realização humana tanto de crianças quanto de professores.

É poder pensar não apenas na integração democrática entre as crianças, mas também ajudá-las a desenvolver noções de leitura do espaço, direito à cidade e questões ligadas à diversidade, através das “rodas de conversa, dos momentos de interação e de brincadeiras, da construção da identidade das produções artísticas, cantinhos de interesse, garantindo suas escolhas e reconhecendo seus interesses.” (FONSECA, 2022).

Além disso, as formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e



divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. (BRASIL/DCNERER, 2004, p. 14).

Podemos observar que muitos temas tratados na sala com as crianças se apresentaram como novidade para elas, esse primeiro contato com essas situações, mostram a necessidade de haver mais trabalhos como este que trabalhe de maneira transversal disciplinas como a Geografia, e que não se resuma apenas a momentos excepcionais, mas que tenha uma construção plena durante todo o ano letivo, tendo presença ativa nos Projetos Político Pedagógico (PPP) das escolas. Enxergamos aqui como uma medida de extrema importância o estreitamento das relações entre escola pública e universidade, essa aproximação deve vir como forma de enriquecer as duas instituições de ensino, e não transformar a escola em um simples objeto de estudo das universidades. Para isso é “importante fazer uso de qualquer instrumento ou método, desde que eles possam auxiliar o professor a melhor registrar, entender e produzir sentidos sobre sua prática e ambiente profissional.” (TELLES, 2002).

Dito isto, com o compartilhamento de conhecimentos entre universidade e escola, conseguimos o equilíbrio necessário para trabalhar Geografia com as crianças e reafirmar a importância dessas vivências. Realizar o trabalho de campo, a produção gráfica e o diálogo, atividades propostas neste trabalho, teve de certa forma, a combinação desses conhecimentos, e que só foi possível graças a essa comunicação, entre duas instituições públicas, dispostas a buscar um ensino de qualidade e democrático.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLIVIANOS são a maioria dos imigrantes de São Paulo pela 1ª vez. **G1**, São Paulo. 25 jan. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/01/25/bolivianos-sao-a-maioria-dos-imigrantes-de-sao-paulo-pela-1a-vez.ghtml>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. (org.). **Brasil recebe 1.720 refugiados entre janeiro e junho de 2022: venezuelanos são maioria entre estrangeiros que tiveram a condição de refugiado reconhecida**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/brasil-recebe-1-720-refugiados-entre-janeiro-e-junho-de-2022>. Acesso em: 12 nov. 2022.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Esta Lei dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm)>. Acesso em: 30 de nov. 2022.

DELFIM, Rodrigo Borges. **Com ajuda de ACNUR e OIM, IBGE vai coletar dados sobre imigrantes e refugiados no Censo 2022**. 2022. Disponível em: <https://migramundo.com/com-ajuda-de-acnur-e-oim-ibge-vai-coletar-dados-sobre-imigrantes-e-refugiados-no-censo-2022/#:~:text=Segundo%20proje%C3%A7%C3%B5es%20recentes%20do%20OBMigra,brasileiro%2C%20em%20sua%20maioria%20venezuelanos..> Acesso em: 12 nov. 2022.

EMEI JOÃO MENDONÇA FALCÃO. **Projeto político pedagógico**. São Paulo, 2022.

GIOPPO, Christiane. **Eugenia**: a higiene como estratégia de segregação. *Educar em Revista*, [S.L.], n. 12, p. 167-180, dez. 1996. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.167>.

GODOI, Luis Rodrigo. **A importância da música na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011.

HANAUER, Fernanda. RISCOS E RABISCOS – O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Perspectiva**, Erechim, v. 37, n. 140, p. 73-82, dez. 2013.

LOPES, J. J. M; FERNANDES, M. L. B. (2018). **A criança e a cidade**: contribuições da Geografia da Infância. *Educação*, 41(2), 202–211. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.30546>

LOPES, J. J. M. (2008). **Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias**: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infância. *Revista Contexto & Educação*, 23(79), 65–82. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2008.79.65-82>

LDB : Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília : **Senado Federal**, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Conteúdo: Leis de diretrizes e bases da educação nacional – Lei no 9.394/1996 – Lei no 4.024/1961. ISBN: 978-85-7018-787-1

MALHO, Maria João. A criança e a cidade : independência de mobilidade e representações sobre o espaço urbano. **Noesis**, São Paulo, p. 52-57, dez. 2010.

MARTINS, Rosa E. M. W. **O uso da literatura infantil no ensino de Geografia nos anos iniciais**. Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 27, 2015, p. 64-79.

MORE: Mecanismo online para referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: <http://www.more.ufsc.br/>. Acesso em: 03 dez. 2022.

POZAS, Denise. **Criança que brinca mais aprende mais: a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento cognitivo infantil**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2020.

SÃO PAULO (Município). Lei nº 16.478, de 8 de julho de 2016. Institui a Política Municipal para a População Imigrante, dispõe sobre seus objetivos, princípios, diretrizes e ações prioritárias, bem como sobre o Conselho Municipal de Imigrantes. Disponível em: <<https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16478-de-08-de-julho-de-2016>>. Acesso em: 30 de nov. 2022.

SANTOS; BRAGA; e NETO. **IMIGRAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE A EMEI E FAMÍLIA A PARTIR DO RELATO DE UMA MÃE BOLIVIANA**. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 23, n. 43, p.561-582, jan./jun., 2021.

TELLES, João A. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem & Ensino*, Universidade Estadual Paulista, Vol. 5, No. 2, p.91-116, 2002.

VOZES QUE CARREGO NA MOCHILA. **Uma pausa para olhar para dentro**. Youtube, 5 de fev. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nvV6-rhdaCg>>. Acesso em: 19 de maio. 2022.